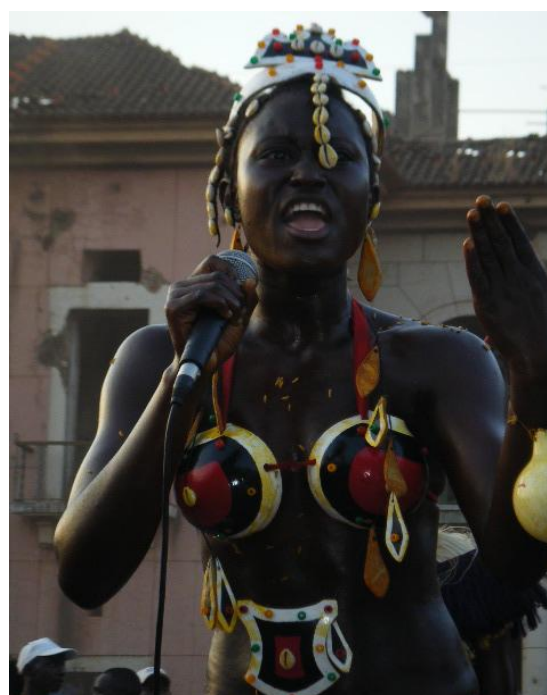




CARNIVAL

Época de Paz?



Artigos de interesse especial:

- NTRUDU MEDI IAGU, MA GUERA GORA?p.3
- O CARNAVAL DAS CRIANÇAS.....p.5
- NETOS DE BANDIMp.6
- ECO DOS FILHOS DA GUINÉ:
ENTREVISTA A CIRILO M´BAKÊp.9

Editorial Pág..2

Actividades Voz di Paz Pág.3

Imagens do Carnaval 2010 Pág.5

Eco da Voz di Paz chegou aos Guineenses Pág.11

EDITORIAL

«CARNAVAL MEDI GUERA»

(Carnaval tem medo da guerra)

“Este ano não haverá Carnaval. É um verdadeiro drama nacional. É neste momento que sinto realmente a crueldade da guerra.” Esta frase, que eu ouvi em Cumura, onde estive “refugiado” depois do mais terrível episódio da guerra civil em Fevereiro de 1999, é para mim a maior expressão do simbolismo do Carnaval no imaginário guineense. Em mais de 20 anos de presença na Guiné-Bissau, eu vi o Carnaval preterido só uma vez. Foi um caso de força maior, em Fevereiro de 1999. Bissau estava cercada por tropas de Junta militar, ocupada por tropas estrangeiras senegalesas e conakri-guineenses, e mergulhada num ambiente no luto causado por 8 meses de uma guerra cujo fim ninguém vislumbrava, sobretudo depois da chamada “Guerra do 30 de Janeiro” que deu os 6 dias mais mortíferos desta sangria de 11 meses.

Pensar no Carnaval nestas condições parecia surrealista. Mas de 12 a 16 de Fevereiro 1999, momento em que devia ter ocorrido o Carnaval, muitas pessoas só falavam deste “não acontecimento”, ou melhor, deste acontecimento não advindo, em vez de comentar a guerra que assolava o país. Houve até tímidas tentativas de celebrar pedaços de carnavais em alguns bairros, mas as tropas senegalesas não deixaram a mínima dúvida sobre a inoportunidade de tais festejos. Mesmo assim, algumas cidades controladas pela junta militar fizeram algumas manifestações. Mas, o Carnaval, nestas condições não podia ter alma. Então, 1999 foi um ano sem Carnaval na Guiné...um Inaudito! Desde então, o Carnaval segue o seu curso, com o seu cortejo de lemas virados para a paz.

O Carnaval, maior festa popular na Guiné-Bissau, é doravante de um voluntarismo pacífico. Este momento cimeiro do convívio nacional é, na verdade, o tempo em que ninguém pensa nas diferenças e ainda menos nos diferendos que dividem e opõem os filhos do país ao longo do ano e ao fio dos anos que se seguem. Então, perante esta harmonia barulhenta de 5 dias, muitos surpreendem-se a pensar que mais vale a desordem pacífica do verdadeiro carnaval que o simulacro carnavalesco violentamente servido ao longo dos restantes 360 dias do ano.

Fafali Koudawo

Director Pesquisa
«Voz di Paz»



Carnaval 2010 - BISSAU



Carnaval 2010 - BISSAU



Carnaval 2010 - BISSAU



Actividades Voz di Paz - Março de 2010



O mês de Março foi marcado por vários momentos simbólicos para o futuro da Voz di Paz. Depois da legalização, a 26 de Fevereiro, da Voz di Paz - Iniciativa para a Consolidação da Paz, a nova entidade autónoma regida pelo direito das associações, desenvolveu várias actividades tendentes a pavimentar o caminho para uma acção durável.

Uma delegação da Interpeace, parceira estratégica da VdP, fez uma missão de apoio à equipa de 15 a 19 de Março. Composta por Peter Hislaire, Director dos Programas da Interpeace em Genebra, e Jean-Paul Mugiraneza encarregado do apoio à VdP, a delegação participou no esboço das linhas mestras das estratégias de institucionalização reforçada na nova fase. Ela teve uma série de trocas de pontos de vista com responsáveis de instituições nacionais, nomeadamente o Ministério do Interior, a Assembleia Nacional Popular (ANP), Embaixadas do Brasil e de Portugal e Uniogbis, o Gabinete Integrado das Nações Unidas na Guiné-Bissau.

Na ANP, o encontro com o presidente da Comissão técnica de organização da Conferência nacional de reconciliação "Caminhos para a Consolidação da Paz e Desenvolvimento" soldou-se com um engajamento da Interpeace de mobilizar recursos para apoiar a realização deste evento tão importante para a paz no país e facilitar a troca de experiência com países que já implementaram iniciativas de reconciliação nacional, nomeadamente o Ruanda e Timor leste onde a Interpeace apoia programas de consolidação da paz. A visita no Ministério do Interior teve como fruto a confirmação do



engajamento da Senhora Adja Satu Camará Pinto em fazer parte da Assembleia Geral da VdP. Os embaixadores de Portugal e do Brasil assim como o representante do Secretário Geral das Nações Unidas confirmaram os seus engajamentos para apoiar todas as iniciativas de paz no país, e particularmente a VdP que já implementou o processo de diálogo mais alargado jamais empreendido no país.

No dia 19 realizou-se o primeiro encontro dos membros da Assembleia Geral de VdP após a sua legalização enquanto uma pessoa colectiva dotada de personalidade jurídica. Recordase que de momento, a Assembleia Geral conta como membros o Bispo de Bissau D. José Camnaté Na Bessing, Eng. Filinto Vaz Martins, Pe Davide Sciocco, Sr.^a Dina Adão, Aladje Eusébio Abubacar e o Sr. Sambu Seck.

No encontro de convívio com a equipa técnica da VdP e a delegação da Interpeace foram reiterados os empenhos individuais a favor da paz e a necessidade de federar estes compromissos na senda da VdP. De 29 a 31 de Março, dois membros da equipa VdP, Fafali Koudawo e Filomena Mascarenhas Tipote participaram no atelier metodológico organizado pela ANP, e financiado pelo PNUD, no quadro da preparação da Conferência Nacional de Reconciliação. O encontro destinado a promover a

uniformização das metodologias das organizações que compõem a comissão chegou á conclusão de que a experiência da VdP explicada e ilustrada pela projecção de um filme poderia servir de fonte de inspiração para a conferência a ser organizada.

No quadro da difusão dos resultados da identificação das fontes de conflitos na Guiné-Bissau, a VdP produziu jingles que põem em relevo os papéis da má governação, da justiça deficiente e da instabilidade política na génese dos conflitos. Estas mensagens são difundidas nos boletins informativos das rádios públicas, privadas e comunitárias.

Nos dias 27 e 28 de Março, a equipa de VdP efectuou visitas de terreno aos Espaços Regionais de Diálogo de Cacheu e de Oio (Bissorã), reunidos em Bula, e de Biombo reunido em Quinhamel. Na agenda dos encontros figuravam a apresentação da nova Voz di Paz e a programação das actividades a serem desenvolvidas até Dezembro de 2010.

Ao longo o mês de Março a emissão Bantaba di Paz, feita em parceria com a Rádio Sol Mansi desde 2008, foi dedicada ao tema "Má governação e conflitos" desdobrado em vários subtemas, nomeadamente: "Má governação e conflitos no domínio da justiça" (2 de Março), "Má governação e desequilíbrios sociais geradores de conflitos" (9 e 16 de Março), "Má governação, desequilíbrios entre regiões e conflitos" (23 de Março), "Má políticas sociais geradoras de conflitos" (30 de Março).

A Voz di Paz (VdP) apoiou o carnaval de 2010, particularmente nas actividades de promoção da cidadania e cultura de paz nas camadas juvenis de Bissau.

CARNAVAL I DI NOS NTRUDU MEDI IAGU, MA GUERA GORA?

Fafali Koudawo



Carnaval 2010 - Bissau

O Carnaval, legado cristão da colonização tornou-se uma verdadeira instituição na Guiné-Bissau. Talvez a instituição nacional mais consensualmente aceite. Cristãos, muçulmanos, animistas e outros reivindicam-no como uma expressão da cultura popular. Hoje, poucos se lembram das suas origens católicas e do seu início nos círculos urbanos cosmopolitas em Bolama, Cacheu e Bissau. Muitos tentam utilizá-lo para fins alheios à simples diversão. Mas, face a todos os empreendimentos de recuperação ergue-se sempre a fabulosa criatividade do povo que é o verdadeiro dono do Carnaval.

Nos primeiros anos da Guiné-Bissau enquanto Estado independente, o carnaval tinha sabor de mobilização popular num ambiente de revalorização das culturas étnicas subalternizadas pela política de assimilação dos anos de colonização. O carnaval foi portanto uma eficaz catalizadora das energias das novas gerações. Para se ter uma ideia da força que teve este canal de mobilização nos anos de euforia revolucionária basta ouvir os antigos membros da Juventude Africana Amílcar Cabral

contarem, com uma indizível nostalgia, as façanhas realizadas nos carnavais dos anos 80, particularmente entre 1981 e 1985. Para eles, foram os anos de ouro do carnaval, autênticos picos de fervor popular e verdadeiros Himalaias da expressão cultural nacional. As histórias que se contam sobre este período não têm fim: uns recordam as brincadeiras, outros salientam os trajés, outros falam da originalidade das máscaras, alguns lembram mesmo as sarabandas dos cooperantes brasileiros que eram muitos nessa altura. Todos falam dessa época com saudade. É que os melhores carnavais são sempre os da infância e da juventude. Na verdade, a criança e o adolescente são os grandes donos do carnaval e das suas máscaras.

Com efeito, sem a imaginação das crianças não há carnaval. São as crianças que anunciam o carnaval. São elas que albergam nas suas pequenas cabeças a cara de *Nturudu*, a máscara do carnaval. A elas cabe dar-lhe formas e vida, transformando papel reciclado, terra de barro e tintas baratas em autênticas obras artísticas, dignos testemunhos da fértil criatividade infantil, que tem fontes num mundo repleto de monstros, fantasmagorias e humor.

Se *Nturudu* é medonho, só é temido pelas criancinhas. Aliás, ele próprio tem medo... da água, pois este líquido estraga as máscaras de papel... Como diz a cantiga do carnaval: "*Nturudu medi iagu*".

Esta é a ambivalência de *Nturudu*. Medonho e frágil ao mesmo tempo. Cantado e mesmo vaiado pelo povo, *Nturudu* é amigo do povo. É que o carnaval é o bem do povo. Um dos últimos. É sem dúvida um dos derradeiros campos colectivos onde os pequenos cultivam a sua imaginação e os grandes colhem uma sã alegria. Uma alegria contagiante, capaz de apagar as dores mais tenazes. Como o ilustra uma cantiga popular magnificada pelos cantores Iva e Itchi em companhia do grupo Tabanka Djaz:

Bu dadu homem
Bu ka mistil
Bu pudu a forsa
Bu chora pena
Ka bu chora
Nô badja karnaval...



Carnaval 2010 - Bissau

Assim o carnaval pode mesmo acabar com a imensa dor de uma rapariga casada à força. Basta entrar na dança e esquecer tudo... Salvo as metamorfoses de *Nturudu* que antigamente só temia a água, mas desde a guerra do 7 de Junho de 1998, passou a recear também a guerra ao ponto de o carnaval se tornar não só um momento de paz, mas também um momento de conjurar a guerra para enraizar a paz... enfim!





O Carnaval das Crianças

Manuela Lopes Mendes



Carnaval 2010, Bissau



visitados pela Voz di Paz. No Jardim de Infância SOS, Emília Monteiro, disse-nos que para além do lema nacional «Unidade, Paz e Desenvolvimento», o grupo de carnaval da SOS teve como mensagem: “Paz, Tolerância e Fraternidade”.

As crianças que participaram no desfile exibiram danças manjaca, fula, mancanha, bijagós, balanta (N’gaihé) e fusão.

ensino em 1999, proporcionando às crianças uma festa fantasiada. É o momento de observar a criatividade e as agilidades de cada um.

Para evitar aos mais pequenos os pesados horários e constrangimentos do desfile oficial, a escola cria no seu próprio recinto o ambiente da festa, associando à exibição das surpresas carnavalescas os pais das crianças, encarregados de educação, e outros convidados como espectadores.



Carnaval 2010, Bissau



Carnaval 2010, Bissau

Como uma festa popular e de harmonia entre os povos da Guiné-Bissau, o carnaval suprime as fronteiras culturais, pois todos se imitam, todos aproveitam a ocasião para experimentar trajes tradicionais de todas as etnias.

Para as crianças é uma ocasião única para mergulharem num mundo de sonho com vestidos e danças típicas de culturas por elas desconhecidas.

O universo ideal do Carnaval infantil é a Escola. Dois estabelecimentos em festa foram

Esta última dança inclui uma diversidade de danças não atribuídas a uma só etnia.

Para preparar as crianças, foram feitos vários dias de ensaios nos quais se tentou incutir nas suas mentes, imagens da diversidade cultural e o valor de uma sã convivência.

No Jardim/Escola Irmã Paulina Camargo, a Directora Nuna Fernandes disse-nos que organiza-se o carnaval na escola para os mais pequenos desde a criação do estabelecimento de

Por mais de 4 horas, as crianças dão mostras dos seus talentos recitando poesias, dançando e fazendo mil outras actividades num ambiente propício à difusão dos ideais da paz e da harmonia.

Este ano as palavras de Okinca Pampa, lendária rainha Bijagós que reviveu pela magia das crianças, foram: “*Eu sou a rainha da paz. Só com a paz é que as crianças se sentem bem, vivem bem com os pais, com os amigos e no país. Quem vive na paz, vive com amor*”.

NETOS DE BANDIM

Hora Tchiga pa PAZ ten na Guiné!

*(Está na hora da Guiné ter Paz)**Filomena Tipote*

Os segredos de uma vitória...

O primeiro prémio do Carnaval de 2010 foi arrebatado pelo grupo cultural Netos de Bandim. Esta vitória veio coroar um investimento de longa data feito por este conjunto que considera o Carnaval como sendo uma manifestação cultural onde cada guineense pode manifestar a sua identidade.

Segundo o seu responsável, Héctor Diógenes Cassama, a vitória no concurso de 2010 teve segredos. Eles confiou à Voz di Paz alguns deles. O mais importante é que os Netos de Bandim já têm uma longa prática nos palcos. Têm também uma tradição de recrutamento que permite uma selecção cada vez mais rigorosa dos seus artistas, com base em critérios como: as técnicas da dança, a flexibilidade das dançarinas e dos dançarinos, a coreografia e a expressão corporal. Para eles a alegria comunicada pela dança é capital. Uma das ambições deste grupo é fazer das suas crianças futuros dançarinos profissionais.

No Carnaval de 2010, a chave da vitória consistiu em terem feito uma ronda a nível nacional, recrutando indivíduos pertencentes a diferentes grupos étnicos, que fizeram ensaios de dança e prepararam vestimentas típicas. Assim, o grupo ensaiou danças balanta, N'gaie, manjaca, papel, felupe, baca bruto dos Bijagós, todas elas combinadas com os trajes étnicos específicos.

Tudo isto foi ritmado com objectivo da boa disposição, transmissão de energia positiva e mensagem de paz. Assim, a mensagem “Hora tchiga pa paz ten na Guiné” foi exprimida numa dança papel associada a relógios fluorescentes nos pulsos dos dançarinos e dançarinas dos Netos de bandim.

Considerando que os desfiles exigem muita energia, o grupo fez ensaios debaixo do sol, nas ruas, para uniformizar as coreografias. Levou longe a preparação utilizando um sistema de rotação dos elementos que permite aos tocadores aguentarem durante 3 horas a fio para satisfazer as exigências do carnaval cujo lema foi: “Unidade Nacional Paz e Desenvolvimento”.

*Netos de Bandim- 2010**Netos de Bandim- 2010*

O grupo cultural “Netos de Bandim” foi criado no dia 12 de Novembro de 2000 na cidade de Bissau. É composto por jovens e crianças de várias faixas etárias e surgiu com o propósito de unir jovens e crianças que trabalham no domínio cultural, com vista a uma colaboração que promova a sua formação nas diversas áreas sócio-culturais, contribuindo tanto para a prevenção como para a redução da delinquência juvenil e da exclusão social.

Ao longo de dez anos, os Netos de Bandim participaram em cen-tenas de actividades levando consigo o teatro, a dança e a poesia como armas de sensibi-lização sobre variados temas que afectam a sociedade guineense. Das suas participações no Carnaval arrecadaram mais de duas dezenas de prémios de vencedores, sendo o último o de carnaval de 2010.

Excesso de competição pode desvirtuar o espírito de paz no Carnaval

Os Netos de Bandim têm receios face à nova dinâmica do carnaval que tende a ser cada vez mais etnizado. O facto de as pessoas começarem a competir desde as regiões torna as pessoas vulneráveis à disputa e começa a ser um factor estimulador de desunião.

O grupo tem recebido ameaças de pessoas reivindicando a defesa de alguns grupos étnicos. Isto contraria o espírito deste grupo que faz do mosaico étnico a sua força e não quer ser confrontado com rivalidades advindas de grupos divisionistas. Caso isto continue a prevalecer, o grupo Netos de Bandim, em nome da sua filosofia de coesão nacional vai abster-se de participar nos futuros carnavais e pensar na “internacionalização” que é um dos seus objectivos a médio prazo e longo prazo.

Imagens Carnaval 2010 - Guiné-Bissau



Imagens Carnaval 2010 - Guiné-Bissau



Eco dos Filhos da Guiné - Entrevista a Cirilo M' Bakê

Joacine Katar Moreira



Nasceu num dia histórico, a 3 de Agosto de 1961. Nesse dia, os guineenses manifestaram-se contra a administração colonial e foram mortos. O massacre de Pindjiguiti foi um marco na consciencialização da luta pela libertação nacional. Nasceu também nesse dia o rei do Carnaval:

De passo lento e descontraído, de andar sem pressa do Carnaval, Cirilo M' Bakê diz ser um homem pacato, simples. Uma criança, agora homem, que tinha medo do N'turudo e das pessoas.

Na Guiné e na Diáspora todos já ouviram falar dele. Os artistas guineenses cantaram-no em canções de festa, como símbolo do Carnaval *di no tera*.

Não tem consigo nenhuma fotografia do tempo em que era Chefe de Carnaval, fama que nunca o deixará, mesmo porque Cirilo M' Bakê não consegue deixar o Carnaval, as emoções e a fantasia desta época do Ano.



Cirilo M' Bakê

Sou filho de Ermelinda Mendes Correia, mais conhecida por Manda, e de Francisco Gomes Monteiro. Tenho quatro filhos, dois rapazes e duas meninas. O mais velho tem 27 anos e a mais nova 19. A minha esposa é Joana da Silva, Nenê. Sou um homem pacato, não me meto com ninguém, sou tímido.

VdP: Como foi a sua infância?

C. M' Bakê: Eu era uma criança que tinha medo das pessoas, era muito tímido. Lembro-me que os meus tios vinham mascarados e eu metia-me debaixo da cama quando os via... Não gostava do Carnaval.

VdP: Mas depois passou a gostar do Carnaval. Como foi esta passagem?

C. M' Bakê: Não sei explicar. É uma coisa sem explicação. Eu sou um homem calmo e pacato, mas quando chega o Carnaval, transformo-me. O meu pai faleceu no dia 12 de Janeiro, mas naquele ano eu vesti-me para o Carnaval. A minha irmã não gostou mas eu expliquei-lhe que tinha de fazer isso, mesmo contra a sua vontade.

Alguns dizem que eu fiz uma promessa para pagar no Carnaval, e que por isso não consigo passar sem me mascarar. Não entendem que é emoção. Carnaval é emoção!

VdP: Como foi a primeira vez?

C. M' Bakê: A primeira vez que fiz Carnaval, foi um grande sucesso, tiraram fogo-de-artifício e tudo, foi em 1979. O Carnaval era na Praça do Império. Lembro-me que fiz uma máscara com o Domingos Luísa, de Cabo Verde. Apesar do sucesso no Tchon di Papel, depois aceitei mudar para Bandim, onde fui chefe de Carnaval. As pessoas de Tchon di Papel ficaram muito zangadas e até tive de ser escoltado, porque os velhos do Bairro queriam quase matar-me.

VdP: E ganharam o carnaval nesse ano?

C. M' Bakê: Ainda bem que perdemos o Carnaval nesse ano, porque senão não saberia se ainda estaria vivo para dar esta entrevista. Eu vivia muito o Carnaval... Em 1987 queria fazer Carnaval no ar, através de balões de oxigénio, eu e o Manuel Mina (Lili), engenheiro, no Tchon di Papel. Mas não tínhamos condições. Queria também fazer o Carnaval em cima da água, no Pindjiguiti, com os - não me lembro do nome - dos côcos das palmeiras, que iriam funcionar como uma prancha de surf.

VdP: Mas isso seria uma grande inovação...

C. M' Bakê: Quem não inventa não é artista. Fui um aluno que não ia à escola com livros, só de papel e caneta. Gosto muito de matemática. Fui considerado um dos melhores da Guiné, mas esta minha faceta ninguém conhece. Conhecem-me mais como homem do Carnaval.

VdP: Cirilo M' Bakê é o seu nome artístico?

C. M' Bakê: O meu nome é Cirilo Gomes Mateus. M' Bakê é o meu Deus. O meu Profeta. Deus dos senegaleses. Também é conhecido por Walios, que significa pessoas com poder. O meu amigo Per Cassamá (Karambá) é que me pôs este nome, porque tudo o que eu dizia que ia acontecer, acontecia. Quando o nosso grupo estava com dificuldades, eu tomava a dianteira e conseguia sempre resolver as coisas difíceis, depois de outros já terem tentado.

VdP: Vamos começar por falar do Cirilo Mateus...Onde nasceu?

C. M' Bakê: Sou do Bairro Tchon di Papel, em Bissau.

«Eu, com a máscara, sou outra pessoa (...) sinto-me emocionado, sinto-me forte»



Eu, com a máscara, sou outra pessoa. Quando ponho a máscara, sinto-me emocionado, sinto-me forte, diferente. Até eu acho que não sou eu quando estou com a máscara...

VdP: A fama do Carnaval abafou as outras qualidades...

C. M´Bakê: Particpei no filme de Flora Gomes “Morte Nega”, onde fiz o papel de alfabetizador. Fui professor de desenho e geometria descritiva no Liceu de Bafatá e depois na Nkume Nkrumah, em Bissau. Sou músico do grupo musical “Netos de Gumbé”.

VdP: Toca algum instrumento?

C. M´Bakê: Não, sou cantor, vocalista.

VdP: Como é que depois veio para Portugal?

C. M´Bakê: Saí da Guiné em 1987 com uma bolsa de estudos para estudar Engenharia de Sistemas Informáticos. Não cheguei a concluir o curso, mas fiz outros, vários cursos técnicos, na área de electricidade e ar condicionado. Trabalho agora na área da Serralharia Civil.

VdP: E não regressou à Guiné?

C. M´Bakê: Não regressei à Guiné porque era muito conhecido. O meu poster estava no palácio presidencial e tudo. Uma vez, fui com o grupo “Netos de Gumbé” para Espanha, e o ministro da cultura espanhol quis tirar uma foto comigo, devido às coisas que eu fazia. Foi em 1979.

VdP: É um homem reconhecido pelos guineenses também...

C. M´Bakê: Sou muito simples. Eu, se calhar, nasci para o Carnaval... Até hoje, ninguém passou-me à frente no Carnaval da Guiné. Já venci o que era necessário vencer, o resto é música. O difícil já está. Agora apontam-me na rua porque me identificam. Vêm-me sempre mascarado, muitos não me conhecem. Pensam que sou um homem de mais idade, alto, grande, diferente daquilo que eu sou.

«Eu, se calhar, nasci para o Carnaval»



VdP: A fama é maior do que o homem... Nunca pensou aproveitar a sua fama para entrar na política e fazer alguma coisa diferente?

C. M´Bakê: Não gosto de política, Deixem-me com a minha brincadeira! Os partidos políticos são inimigos do Povo. Quem está na política está contra o povo. Convidaram-me para ir para a Guiné trabalhar na área da cultura.

«Não gosto de política. Deixem-me com a minha brincadeira!»

VdP: E aceitou o convite?

C. M´Bakê: Portugal... aqui não é o meu país. Qualquer dia vou-me embora. Parece que estou aqui amarrado. Quero contribuir para o meu país Guiné-Bissau. Temos todos de voltar. Moro há 20 anos fora da Guiné, quando eu regressasse fiquei muito satisfeito e quero fazer lá a minha casa.

«Portugal...aqui não é o meu país. Qualquer dia vou-me embora.(...). Temos todos de voltar»



Nené Garandi, esposa de Cirilo M´Bakê

VdP: E aqui em Portugal, como faz no Carnaval?

C. M´Bakê: Quando é Carnaval mascaro-me sempre. Não consigo passar sem isso. Todos aqui no Vale de Amoreira já me conhecem. Até os polícias!



ECO da Voz di Paz chegou aos Guineenses



Jacqueline Rodrigues - Lisboa, Portugal



Armando Pereira - Londres, Inglaterra



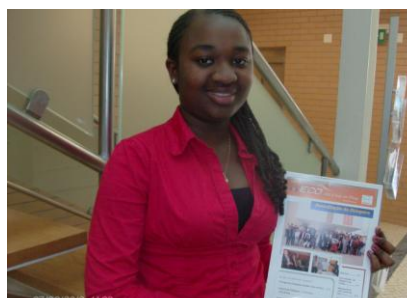
Centro Cultural - Odivelas, Portugal



Nel Will (Iú) Katar Mady
Maryland, EUA



D. Matá - Café «Bo Na Fia»,
Vale Amoreira, Portugal




Joseana Pinto Cardoso
Sto. António dos Cavaleiros, Portugal



D. Lina. Proprietária Café «Bo Na Fia», Portugal



Centro Cultural - Odivelas, Portugal

Escreva para a
 **ECO** da Voz di Paz
envie-nos os seus artigos, notícias, sugestões,
comentários e fotografias diversas para o
correio electrónico vozdipaz@gmail.com
Contamos com a sua participação!

FICHA TÉCNICA: Eco da Voz di Paz - Boletim Informativo Proprietário: Voz di Paz - Iniciativa para a Consolidação da Paz Coordenador: Fafali Koudawo Editora: Joacine Katar Moreira;
Redactores: Fafali Koudawo; Filomena Mascarenhas Tipote; Joacine Katar Moreira; Manuela Lopes Mendes
Concepção gráfica e fotocomposição: Joacine Katar Moreira **Número:** 1 **Data:** Março 2010 **Local:** Guiné-Bissau
Periodicidade: Mensal - versão electrónica; bimestral - versão impressa **Tiragem:** 2000 exemplares

Parceiro: Interpeace

Financiado pelo Governo da Finlândia